



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Conferência: **DECOLONIALIDADE/DESCOLONIZAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE NA ECONOMIA SOLIDÁRIA.**

Ananias Nary Viana
Conselho Quilombola da Bacia do Iguape

RESUMO

O artigo registra as conferências do evento congresso internacional de inovação tecnológica nas ciências da saúde: a sustentabilidade das práticas integrativas a agroecologia, mais especificamente a conferência Decolonialidade/descolonização para a sustentabilidade na economia solidária. A conferência registra o expert da complementaridade entre terapeutas tradicionais e os profissionais de saúde, a exemplo do médico nas comunidades pertencentes ao Conselho Quilombola da Bacia do Iguape. O evento aconteceu de 15 a 18 de novembro de 2017 no IFBA SAJ sob a direção da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Palavras-chave: PICS. Conhecimento tradicional. Decolonialidade. Terapias. Quilombo. Saúde

ABSTRACT

The article records the conferences of the event international congress on technological innovation in health sciences: the sustainability of integrative practices in agroecology, specifically the conference Decoloniality / decolonization for sustainability in the solidarity economy. The conference records the expert of complementarity between traditional therapists and health professionals, such as the physician in the communities belonging to the Quilombo Council of the Iguape Basin. The event took place from November 15 to 18, 2017 at IFBA SAJ under the direction of the Federal University of Recôncavo da Bahia.

Keywords: PICS. Traditional knowledge. Decoloniality. therapies. Quilombo. Health.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Bom dia a todos e a todas.

Por experiência minha, e a experiência de estar aqui, primeiro agradecer a Deus maior, porque me deu a possibilidade de estar aqui, de uma maratona de 8 dias pelo estado da Bahia e por outros estados. Seria muito importante que as pessoas ocupassem essas cadeiras aqui, mas está todo mundo acomodado aí né? Se desacomodarem, para chegar até aqui, mas gostaria muito que as pessoas participem junto, um ouvindo o outro, para a gente falar e falar coisa verdadeira que existe. Então, em primeira mão eu quero dizer que existe essa discussão hoje aqui, pela iniciativa de um grupo de pessoas responsáveis pela saúde, pela saúde diferenciada. E essa responsabilidade é muito grande!

E essa responsabilidade coloca as comunidades tradicionais em um processo de novos pensamentos, nova discussão, porque a gente acha, que tem um grupo de pessoas, que estão juntos também, e apoiando e fazendo com que essa discussão invada mentes, cabeças, universidades, lugares. E aí tem outra coisa importante, que é os nossos ancestrais que teve um papel muito importante, e está tendo ainda um papel muito importante na saúde tradicional. Existe a saúde convencional hoje, porque iniciou com a saúde tradicional, não foi? Então, se existe remédio hoje nas prateleiras, é porque existe as ervas medicinais, se existem nomes científicos nos remédios é porque existem os nomes tradicionais, não é? Ou não existiu nada disso? Existiu.

E é por isso que a gente está aqui discutindo. Não só discutindo, mas fazendo, e fazendo a coisa acontecer. Por que logo na universidade, então? Eu falo sempre que o pior dia foi o dia 14 de maio de 1888; não foi o dia 13! Porque a partir do dia 14 você não tinha nada terminado. Até o dia 12 você tinha provado a alimentação, que os senhores de engenho davam aos animais, que tratava os animais, porque precisavam de braços fortes, de pessoas fortes para trabalhar. Mas a partir do dia 14, você não tinha nem mais alimentação. E aí ficavam abandonados, excluído de tudo, sem saúde, sem educação, sem saneamento básico, sem sustentabilidade. E aí veio um novo modelo de



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



discussão, de metodologia, de comportamento humano, de comportamento coletivo para sustentabilidade.

E é por isso que existe várias tecnologias sociais, é por causa disso. É por isso que existe as ervas medicinais, é por conta disso que existe os chás, diversos chás, diversas garrafadas. Porque (a) naquele momento que a gente ficou sem saúde, sem educação, sem saneamento básico, sem sustentabilidade, ficamos também sem remédio, e tinha que cuidar da saúde. Como eles eram geralmente sábios, a saúde é essa: e que existe até hoje dentro das comunidades quilombolas, dentro das comunidades indígenas. (b) Nesse país após a escravidão, os responsáveis pelas políticas públicas não fizeram nada pela gente, inclusive na área de saúde! E isso para a gente é raiz, é tradição, é saúde de verdade. Isso não é tomar qualquer bomba na farmácia, porque existe a indústria de vender remédio, para você ficar bom, mas com 2 meses ficar pior do que estava. As nossas ervas medicinais, que a gente pega nas comunidades: são as que socorre as pessoas; e tem tanta gente que diz que não quer mais tomar bomba de farmácia. Prefere tomar os seus remédios em casa. Estou falando isso para vocês, porque dentro das comunidades quilombolas, não existem médicos: a saúde é exemplar.

E a gente discutiu dentro das comunidades, que a gente quer rediscutir todas as questões da sustentabilidade da comunidade. A saúde passa pela sustentabilidade. Então, se a gente não tiver uma conduta de verdade, uma comunicação de verdade, compromete a saúde nossa. E vários problemas de saúde que existem é por conta de uma alimentação que não é adequada, e onde as pessoas se alimentam. Ainda bem que nas comunidades quilombolas, nas comunidades indígenas ainda tem o alimento saudável, eles trabalham com o alimento saudável. E, às vezes, a gente fica com pena das pessoas que moram na cidade, do veneno que elas estão comendo. E isso vai refletir lá na sua saúde, na sua família, em todos. E a gente tem que fazer com que as coisas mudem, gire em torno de gente, de cabeças, de pensamentos, de universidades, de médicos, de profissional da saúde em geral para que a gente consiga combater o conservadorismo. Tem muito poucos profissionais na área de Medicina que trabalha



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



com essa questão, muito poucos. A gente precisa que a universidade trave essa discussão com seus estudantes. Eu acho que isso é um passo muito importante que a UFRB está dando. Várias outras universidades precisam fazer isso porque a gente precisa dar um passo importante na questão da saúde do ser humano.

Fazer uma equipe pela dificuldade que a gente tem dentro das comunidades quilombolas de saúde, a gente foi obrigado a correr atrás de parceiros. Médicos e médicas, mais profissionais da área de saúde, parceiros, para atender a comunidade quilombola; foi isso que a gente fez na comunidade. E esses médicos, eles não se recusam de trabalhar junto com as pessoas que conhece a Medicina Tradicional. Porque eles quando entram na comunidade, eles entram para isso! A gente explica como é a comunidade e é um médico como outros profissionais de saúde para participar desse processo; E que de dois em dois meses têm esses médicos dentro das comunidades quilombolas. E esses médicos, ao lado desses médicos, trabalham as pessoas, que trabalha tanto plantando na terra como no plano espiritual. E aqui tem várias delas, inclusive a Lucrécia que vai falar daqui a pouco, passar alguns depoimentos desse processo que é feito dentro das comunidades e até mesmo dentro dos hospitais. Isso para gente é muito importante, muito forte, com que as pessoas reconheçam, que os médicos, as médicas; alguns conhecia esse processo. E os que não conhecia, começar a conhecer, começar a fazer, porque é uma ajuda. São duas grandes vertentes. Porque 60% das pessoas que estão dentro do hospital não têm doença de médicos: tem doença de outro tipo de médicos. As pessoas dão depoimento; as pessoas estão indo para o hospital sem necessidade de ir para o hospital.

Porque as pessoas deixaram a tradição que seu pai, sua mãe, seu avô, tataravô, seus ancestrais ensinaram, como se cuidava, se tratava. Porque as comunidades tradicionais nunca tiveram médico, sempre cuidou da sua saúde, sempre cuidou de sua saúde com suas medicinas, com suas ervas medicinais. Isso é prevenção. Tem pessoas dentro das comunidades que nunca sentiu dor de cabeça. Imagine pessoas de 70 anos, 90 anos, 80 anos, 50 anos, que nunca sentiram dor de cabeça. Imagina isso? Que essas



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



peessoas que acreditam nas suas ervas medicinais, acredita na sua medicina, acredita na sua alimentação. Alimentação não anda separada das ervas medicinais, não anda. As pessoas só comem aquilo que lhe faz bem. E dentro das comunidades isso é saúde, isso é educação na área de saúde. Isso é educação! Isso é medicina!

A gente precisa que a Santa Casa, assim como tantos outros hospitais e unidades de saúde, a gente precisa que tenha um médico aqui que ao lado do médico tenham um Ayalá Orixá; tenha uma pessoa que seja da área de saúde espiritual. A gente precisa disso. Mas não é só para o médico convencional ganhar dinheiro, não. Os dois tem que ganhar dinheiro, porque é poder, é Medicina também. O dia que os hospitais e as unidades de saúde tiverem essa compreensão vai diminuir a metade da enfermidade que existe, vai diminuir totalmente. É porque isso é experiência viva, a gente vê isso dentro da comunidade. É experiência viva!

Trabalhamos um do lado do outro. E um médico dizer assim “oh, você tem isso, isso e isso, vou te acompanhar pra tu fazer essa cirurgia” e o outro diz “você tem que cuidar de sua medicina espiritual; e é essa, que a partir de agora você vai se cuidar, você quer se cuidar? Porque é essa que vai cuidar a partir de agora”. E aí livra aquela pessoa de ir para o hospital; e a gente precisa disso. E acho que o primeiro que vai fazer isso é a Santa Casa de Cachoeira, que vai trabalhar com dois tipos de médicos, um médico convencional e outro tradicional, a saúde tradicional. Com isso eu sei que vai ter uma mudança. E a escola aqui, a escola de Medicina da UFRB, eu acho que tem que continuar esse debate e levar esse debate para dentro da sala de aula.

Eu não aprendi com debate nenhum que não tenha desdobramento, não aprendi com seminário, congresso nenhum que não tinha desdobramento naquilo que foi discutido. E já que a UFRB assumiu essas responsabilidades com este congresso, basta esse grupo de professores retados dar continuidade a esse processo, a esse congresso. O congresso tem que ser em todas as salas de aula e falando disso em todas as salas de aula, 24 horas por dia, 365 dias no ano, para ver se a gente consegue mudar essa realidade triste da saúde convencional como busca da destruição do ser humano. A



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



indústria do capitalismo é a destruição do ser humano. Desde 500 anos que a gente vê destruição, destruição, destruição. E aí meus camaradas, os homens fizeram que antes dos 17 anos fizéssemos tudo que diziam a gente, não foi? E agora a gente tem que fazer do jeito que a gente sabe, do jeito que a gente sabe fazer e ele não tem que dizer nada, porque fizeram errado esse tempo todo. Se a gente errar, eles não podem dizer nada, mas a gente tem que fazer, a partir de agora, do jeito que a gente sabe fazer. É isso que o congresso propôs a todos e todas que estão à disposição. Ok? É isso, obrigado!

Debate:

Eu estou aqui com uma discussão que a gente precisa fazer que é uma provocação do Nelson e Ananias, que acho interessante. E a gente precisa fazer um documento que defina qual que é a nossa posição em relação não só aos conhecimentos tradicionais, mas as interações possíveis entre o conhecimento tradicional, as práticas de saúde e as formas de se fazer ciência para quem está na Universidade. Acho que no decorrer do processo, a gente tem que montar uma equipe para montar esse documento, junto ao grupo de Cachoeira, ao pessoal que veio de fora do país, nossos correspondentes internacionais, para a gente fechar com esse documento pronto!